

## **Jeremias vai à escola: a utilização das histórias em quadrinhos como ferramenta de reflexão na desconstrução do racismo**

Luís Carlos Venceslau Vieira de Lima<sup>1</sup>  
Aline Venceslau Vieira de Lima<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Entende-se que o racismo é parte de uma construção sociopolítica, naturalizadora da inferiorização do negro que dificulta o acesso à cidadania plena. Portanto, é preciso que ele seja combatido de forma permanente e cada vez mais cedo. Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo propor uma reflexão sobre a utilização das histórias em quadrinhos no ambiente escolar como ferramenta na desconstrução do racismo. Entendendo que a escola é um espaço privilegiado na formação social e cultural do indivíduo, e que as histórias em quadrinhos por todo o seu apelo verbo-visual podem se prestar a diversas aplicações educacionais, o que foi reconhecido pela Lei de Diretrizes (LDB) de 1996, tomamos como objeto de análise qualitativa o estudo da história em quadrinhos *Jeremias: Pele*, lançada em 2018 pelos estúdios Maurício de Souza. Na história, o protagonista se entende enquanto um menino negro a partir da experiência do racismo em sua escola, o que suscita discussões em sua casa, com seus pais, a respeito de negritude e autoestima. A partir de uma perspectiva multidisciplinar (Literatura, Psicologia e Educação), tomamos por fundamento teórico contribuições de diversos autores que discutiram essas temáticas. Ademais, discutimos a utilização dos quadrinhos na escola e os impactos do racismo na mentalidade das crianças em idade escolar, ressaltando o papel dos quadrinhos como um importante motivador de reflexões sobre a questão racial, um fato que impacta grande parcela da sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Histórias em quadrinhos; Racismo; Educação; Leitura.

### **INTRODUÇÃO**

Não bastasse o Brasil ter sido o último país a ter abolido a escravidão, a iniciativa, por mais necessária e urgente que fosse, se realizou de forma incompleta e eivada de negligências, o que relegou populações inteiras de negros libertos – bem como seus descendentes – a um completo abandono e a uma total falta de perspectivas. Esta falta de oportunidades tornou mais difíceis as condições de vida das comunidades negras e tal panorama de desigualdades e pobreza que acompanha populações afro-brasileiras por gerações favoreceu a construção de uma mentalidade racista que ainda subsiste na sociedade e se manifesta nos mais variados matizes. Por essa razão, entende-se que o racismo é parte de uma construção sociopolítica, naturalizadora da inferiorização do negro que dificulta o acesso à cidadania plena, isto é, com

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras-Linguística da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: luis.venceslau@ufpe.br

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). Professora Adjunta da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: aline.vieira@professor.ufcg.edu.br

acesso à saúde, educação, moradia, etc. (LIMA-NUNES & CAMINO, 2011; LIMA-NUNES E COLS., 2010).

Em face de um cenário marcadamente discriminatório no Brasil, é preciso que o combate ao racismo se dê de forma permanente e cada vez mais cedo. Aliado a isso, também é necessário que se reforce e se reafirme a autoestima das populações negras para que elas se enxerguem como agentes e parte da sociedade brasileira, longe de qualquer papel subalterno ou marginalizado, indo contra a ideologia do branqueamento racial, especialmente na infância, onde os padrões de beleza, inteligência e boa comunicação são atrelados à cor da pele e traços fenotípicos brancos/europeus (e.g., MÁXIMO, LINS, LIMA-NUNES & CAMINO, 2012; SILVA, COSTA, LIMA-NUNES & FRANÇA, 2021). Nesse sentido, a escola, com todo o seu papel formador não só de futuros profissionais, mas também de cidadãos, se apresenta como um espaço privilegiado de discussão de um tema tão importante como o racismo, visto que 56,1% da população brasileira se declara como negra, de acordo com dados do IBGE de 2022.

Com base nisso, o presente artigo propõe a discussão sobre a utilização de uma história em quadrinhos (“Jeremias: Pele”) em sala de aula, como elemento motivador e norteador de reflexões acerca das vivências do negro no cotidiano, enfocando o preconceito em paralelo com o resgate do orgulho negro. Assim, ao mesmo tempo em que a história em quadrinho pode ser usada como uma ferramenta que propicia os primeiros passos no universo da leitura, ela também pode ter um papel pedagógico na formação dos valores do indivíduo, quando lançamos mão de todo o seu apelo que alia o texto e a imagem na transmissão de variadas mensagens.

### **Histórias em Quadrinhos: origens e aplicações**

Antes de abordarmos a questão da utilização dos quadrinhos na escola enquanto ferramenta pedagógica, é importante que resgatemos um pouco a história desse gênero que veio obtendo uma imensa popularidade em todo o mundo, ao longo do século XX e se tornou “um dos mais difundidos e populares meios de fabulação visual do planeta” (PATATI; BRAGA, 2006, p. 09).

A histórias em quadrinhos, em seu formato atual, nasceram no contexto do jornalismo moderno, no final do século XIX, início do século XX. Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst, dois dos proprietários das maiores cadeias de jornais dos Estados Unidos, criaram suplementos dominicais produzidos para atrair leitores semialfabetizados e imigrantes, que naturalmente tinham dificuldades com o idioma. A maior parte desses suplementos era composta por narrativas figuradas, geralmente com tom humorístico (daí a expressão "comics",

em inglês), o que de fato alavancou a venda dos jornais. Ainda em 1895, surgiu em um desses suplementos o personagem *The Yellow Kid* (o Menino Amarelo), criado por Richard Outcault, que a princípio aparecia como parte de um painel maior, mas que com tempo passou a estrelar pequenas histórias contadas em quatro ou mais imagens em sequência. Foi também com o *Yellow Kid* que surgiram os diálogos representados através de balões.

De acordo com Feijó, "por ter evoluído da imagem única (lâmina) para a sequência de imagens, ter sido produzida de forma contínua com personagem fixo e já como produto de comunicação de massa, atingindo um vasto público, além de ter introduzido o balão de diálogo na arte sequencial, a série de Outcault ganhou o status de primeira verdadeira história em quadrinhos" (1997; p. 17)

Após o sucesso do *Yellow Kid*, as histórias em quadrinhos teriam sua "era de ouro" a partir dos anos 1930, já estabelecidas como um gênero próprio. São dessa época os primeiros heróis como Tarzan, Flash Gordon, e em 1938 e 39 surgem, respectivamente, o Super-Homem, de Joe Shuster e Jerry Siegel, e o Batman, de Bob Kane. Também na década de 30 o Brasil tem suas primeiras publicações de histórias em quadrinhos: o Suplemento Infantil (1934), o Globo Juvenil e Mirim (1937) e o Gibi (1939), que no Brasil teria o seu título transformado em sinônimo de revista em quadrinhos. Na década seguinte, com a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, veio uma nova leva de heróis de histórias em quadrinhos, muitos deles inspirados pelo contexto do conflito, como o Capitão América e a Mulher Maravilha.

A partir dos anos 50, já no pós-guerra, surgiram personagens que tinham uma postura mais crítica em relação à sociedade, como os "Peanuts" (A turma do Charlie Brown), e a Mafalda nos anos 60, personagens que deram um novo vigor às tiras de jornais que haviam perdido a força dos anos iniciais e viveram um renascimento neste período. Em 1970, no Brasil, Mauricio de Sousa lança a revista "Mônica" e se tornaria, posteriormente, "o campeão em vendas e maior nome da indústria de quadrinhos nacionais" (ROSA, 2014, p. 47). Durante os anos 80, os quadrinhos vivenciariam uma nova guinada com a exploração da violência de uma forma totalmente nova. São dessa época o "Batman: Cavaleiro das Trevas", de Frank Miller; e "Watchmen", de Alan Moore, que se tornaram clássicos absolutos do gênero. Em 1985, "Calvin e Haroldo", de Bill Watterson, se torna fenômeno ao ser a primeira tira diária a repercutir mundialmente.

A partir dos anos 90, os quadrinhos passaram a ter mais espaço nas livrarias após uma maior aceitação do mercado, com produtos mais bem acabados, e voltados para o público adulto: eram as *graphic novels*. Atualmente, os quadrinhos representam em todo mundo mais do que um gênero, e sim um meio de comunicação de massa com grande penetração popular,

consumidos em quase todos os países, com publicações abarcando uma variedade de títulos e tiragens. Apesar de terem sofrido com o preconceito e o conservadorismo ao longo do século XX, os quadrinhos foram obtendo o seu espaço e hoje podem ser considerados uma forma de arte como a Literatura e o Cinema.

### *Quadrinhos em sala de aula*

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) abriu espaço para a aceitação das histórias em quadrinhos como uma ferramenta pedagógica nas escolas brasileiras. Na ocasião, ela “[...] já apontava para a necessidade de inserção de outras linguagens e manifestações artísticas nos ensinamentos fundamental e básico”. (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 10). Hoje sabemos que é possível defender aplicações eficientes dos quadrinhos no processo de aprendizado, mais do que uma simples ferramenta de suavização dos conteúdos (SANTOS, 2001), possibilitando, inclusive, o incentivo à leitura, o aprendizado de línguas estrangeiras, a provocação ao debate e à reflexão sobre um determinado tema, ou mesmo a realização de atividades lúdicas, como a dramatização a partir de uma história em quadrinhos.

Se a leitura é um elemento-chave para o desenvolvimento do aluno na escola, é através dela que o estudante pode aprender a interpretar o mundo, exercitando sua criatividade e imaginação, se tornando um leitor mais preparado para lidar com conceitos abstratos com os quais tem que lidar em sua vida escolar. (Nogueira, 2008). Nesse sentido, as histórias em quadrinhos podem vir a ser tomadas como um objeto pedagógico de aproximação de crianças e jovens à prática da leitura.

Diante das inúmeras exigências do contexto social atual, do mundo globalizado, há uma exigência cada vez maior de leitores capazes de interpretar toda a variedade de gêneros, inclusive aqueles multimodais. Assim, destacamos a necessidade de formar leitores competentes para lidarem com textos que articulam aspectos verbais e não verbais. É imprescindível que coloquemos imagens ao lado do texto escrito com outras linguagens, seja a imagem estática, em movimento, a fala, a música, infografias, etc. Assim, o uso de textos que tragam essas diversas modalidades de linguagens no ensino da língua portuguesa, por exemplo, pode contribuir com uma formação mais ampla dos leitores em ambiente escolar.

Por utilizarem linguagem verbal e não verbal, as histórias em quadrinhos são umas das mais ricas e produtivas formas de expressar diversas temáticas, lançando mão de um vasto universo semântico, o que provoca uma atenção a mais do leitor àquilo que lê. Seus recursos textuais e discursivos permitem ao professor explorar estratégias que podem ser empregadas no

estabelecimento da interação dos leitores pelas várias linguagens ali contidas, o que vai do uso das cores ao formato dos balões, as expressões faciais dos personagens, onomatopéias, etc. Dessa forma, as histórias em quadrinhos podem ser tomadas como um dispositivo eficiente de ensino de conteúdos escolares e como um recurso de transposição didática para a aquisição do conhecimento. Como explica Barbosa (2004), as histórias em quadrinhos

passaram a ter um novo status, recebendo um pouco mais de atenção das elites intelectuais e passando a ser aceitas como um elemento de destaque do sistema global de comunicação e como forma de comunicação artística com características próprias. (p.17)

Diversos estudos mostram que o ensino se torna mais prazeroso com a utilização das histórias em quadrinhos, pois elas trazem uma motivação diferenciada aos estudantes que se interessam mais pelos conteúdos escolares, tendo a curiosidade estimulada e o senso crítico exercitado. Considerando a relação entre texto e imagem nas histórias em quadrinhos, elas podem ampliar a possibilidade de entendimento, além de contribuir para a criação de hábitos de leitura, enriquecendo o vocabulário, algo propiciado pelo seu aspecto animado e dinâmico. De acordo Mendonça (2007, p. 207), “reconhecer e utilizar histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica parece ser fundamental, numa época em que a imagem e a palavra, cada vez mais, se associam para a produção de sentido nos diversos contextos comunicativos”.

As histórias em quadrinhos, pela sua carga visual, se apresentam como um meio entre o aspecto visual e a palavra. Enquanto o cinema e a TV nos dão as imagens e o movimento prontos, sem chance de serem revistos, as histórias em quadrinhos nos mostram uma sequência intercalada por espaços vazios onde nossa imaginação precisa criar a ligação entre as imagens. (LOVETRO, 1993, p. 66).

É importante lembrar que as histórias em quadrinhos, com suas características híbridas, abarcam diversos gêneros. São muitas maneiras de expressar a comunicação entre personagens, os gestos, balões, imagens, o formato das letras, enfim, todos esses aspectos multimodais constituem o sentido do texto, como afirma Dionísio (2006, p.141):

(...) imagens ajudam a aprendizagem, quer seja como recurso para prender a atenção dos alunos, quer seja como portador de informação complementar ao texto verbal. Da ilustração de histórias infantis ao diagrama científico, os textos visuais, na era de avanços tecnológicos como a que vivemos, nos cercam em todos os contextos sociais.

Em meio a diversos temas tratados pelas histórias em quadrinhos, é possível encontrar histórias que exploram a crítica a questões sociais. Ao entrar em contato com estas histórias, é

possível explorar os conhecimentos prévios dos estudantes, provocar inferências, perceber aquilo que não é dito, relacionando o texto ao cotidiano, etc.

Mesmo histórias voltadas apenas ao lazer, com conteúdos que não foram pensados com uma preocupação informativa ou pedagógica, tem toda a possibilidade de serem utilizadas em ambiente escolar. Para Túlio Vilela (2004, p. 109-110), o uso dos quadrinhos pode ser feito de diferentes maneiras: para ilustrar ou fornecer uma ideia de aspectos da vida social de comunidades do passado; como registros da época em que foram produzidos e como ponto de partida de discussões de conceitos da História, até aspectos do momento atual.

### **Discutindo o racismo na escola a partir de “Jeremias: Pele”**

O quadrinho “*Jeremias: Pele*” veio reparar uma injustiça histórica: finalmente Jeremias apareceria em uma história como protagonista. O personagem, que por muito tempo foi o único negro presente no universo criado por Maurício de Sousa, surgiu em 1960 e desde então ocupava apenas um espaço de coadjuvante nas histórias da Turma da Mônica. Não por acaso, a turma foi por décadas alvo de críticas por ser “branca demais”, o que pouco refletia a realidade das crianças brasileiras.

O fato de o personagem Jeremias só aparecer como protagonista neste quadrinho do ano de 2018, com sua origem e a sua família finalmente mostradas, apenas reflete o espaço reduzido que o negro ocupa nas artes de forma geral, e nas histórias em quadrinhos isto não é diferente. De acordo com Cirne (1990), a superação do racismo enquanto mentalidade

passa também pela superação do racismo nos próprios quadrinhos, que se manifesta - entre nós - sobretudo pela ausência de personagens negros destacáveis. Contamos nos dedos das mãos os "heróis" pretos de real relevo: Lamparina, Azeitona, Pererê (de Ziraldo), Preto-que-ri (de Henfil, o mais crítico de todos), Pelezinho (de Maurício de Souza), e mais dois ou três exemplos. É pouco, muito pouco (p. 27).

É na escola que a criança passa a ter contato com grupos sociais além da família: são professores, colegas de turma, funcionários, gestores, etc. É nesse ambiente em que costumes aprendidos no núcleo familiar são reproduzidos por todos que ali estão, e se estamos em uma sociedade fortemente machista e racista, facilmente veremos que estas opressões historicamente construídas também se refletirão dentro da escola. Em decorrência disto, crianças negras começam a se enxergar como diferentes das outras no momento em que não se veem representadas nos livros trabalhados pelos professores, quando recebem apelidos de fundo

racial, e quando a única informação sobre o negro que recebem é a dos negros e negras escravizados durante séculos no Brasil.

Os estudos da Psicologia Social têm colaborado para a compreensão sobre o efeito do racismo e branqueamento na construção da identidade racial de crianças negras no Brasil (FRANÇA & MONTEIRO, 2002; FRANÇA & LIMA, 2011; FRANÇA, DA COSTA SILVA, SANTOS & BATISTA, 2019; MÁXIMO, LINS, LIMA-NUNES & CAMINO, 2012; SILVA, COSTA, LIMA-NUNES & FRANÇA, 2021). Por exemplo, o estudo de Silva et al. (2021) analisou o processo de construção de identidade racial de crianças a partir do efeito da cor da pele, a partir da tendência ao autobranqueamento e preferência racial para situações positivas e negativas. Os resultados do estudo, replicação da metodologia aplicada em Máximo e colaboradores (2012), mas fazendo uso de fotos reais de crianças com diferentes tons de pele, indicam que as crianças atuam ativamente no processo de identidade racial, internalizando valores e ideais hegemônicos de base racista, que envolvem o autobranqueamento e a preferência para associar crianças brancas (diferente delas) com características socialmente mais favoráveis (beleza, inteligência e boa comunicação).

Diante dessa realidade, a escola pode ser uma instância de combate às discriminações quando fornece uma educação que valorize a diversidade e uma autoimagem étnico-racial positiva, para além das datas comemorativas: ela precisa ser uma prática constante que englobe professores e alunos com o objetivo de construir uma sociedade mais justa onde a diferença não seja encarada como algo negativo.

É da relação entre educadores/as, entre estes/as e os/as educandos/as e entre os educandos/as que nascerá a aprendizagem da convivência e do respeito à diversidade. “A diversidade”, devidamente reconhecida, é um recurso social dotado de alta potencialidade pedagógica e libertadora. A sua valorização é indispensável para o desenvolvimento e a inclusão de todos os indivíduos. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2009, p. 33)

A ausência de representação em diversos espaços e a reiteração de ideias negativas sobre a negritude são inimigas da construção de uma identidade positiva, e essa construção nos chega logo na infância. Criar em uma criança negra uma noção de orgulho de si e de sua raça se mostra muito mais difícil quando se pertence a uma sociedade que reforça que sua cultura e sua história são inferiores no contexto geral.

A história oficial do Brasil reservou ao negro um espaço que começa e termina na escravidão e sobre a civilização negro-africana espalhou-se uma nuvem de preconceito, exotismo e esquecimento, que é reproduzida até hoje quando ainda apontam-se as culturas africanas e indígenas como primitivas. Assim, afirmar a identidade negra faz parte de um processo de ruptura com os



estigmas históricos dessa população que foi inferiorizada e subjugada diante de um ideal estético-cultural eurocêntrico, desde o Brasil colonial. (SANTOS, 2012)

O quantitativo de alunos de ascendência negra nas escolas públicas municipais e estaduais é maior do que o de brancos, ultrapassando os 50% de estudantes. Estes alunos negros, que aprendem muito sobre a história da Europa, mal chegam a saber sobre a história da África, no máximo se abordam as civilizações mesopotâmicas e o Egito, que estava no contexto mercantil do Mar Mediterrâneo ao lado do Oriente Médio e da própria Europa. Ignora-se assim as dinastias e reinos que floresceram na África, como os de Gana e do Mali, bem como qualquer tema ligado essencialmente àquele continente, sua riqueza de linguagens, etnias e seu pluralismo anterior à colonização. Há sim uma ênfase no aspecto da escravidão, mas ainda que este seja um tema fundamental, dado o seu marco na história negra, é necessário ressaltar as riquezas artístico-culturais oriundas da África como resultado de um contexto próprio.

Nesse sentido, também é papel da escola lançar mão de materiais que abordem questões étnicas e raciais, em concordância com as políticas nacionais, como, por exemplo, a Lei nº 11.645 (2008), que determina a inclusão obrigatória no currículo escolar de temas sobre História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, elegendo temas para discussões em grupos, fomentando a criação de cursos para que se chegue a um aprofundamento das causas e consequências da dispersão de africanos por todo o mundo, abordando a história da África anterior à escravização. À escola, cabe também focar contribuições de afrodescendentes no desenvolvimento de toda a humanidade. Tais questões dizem respeito a todos e é preciso que sejam conduzidas para uma reeducação das relações existentes entre descendentes de africanos, de europeus e de outros povos.

Segundo Rocha,

ao introduzir os conteúdos relativos à cultura afro brasileira e à história da África, a Lei 10.638/03 desloca a perspectiva adotada, até em tão, mas representação sobre o Brasil e sobre a sua formação, transformado em conteúdo didático. Tradicionalmente, o ensino brasileiro adota a formação brasileira como um desdobramento lógico e consequente da história europeia, ou seja, após rápida referência às sociedades antigas, como a egípcia e a mesopotâmica, os alunos aram levados a ver a sociedade ocidental, desde a conformação do mundo Greco-romano, na Europa como a matriz cultural brasileira (2008, p.57).

A Lei 1.0639/03 veio determinar que a História da África seja tratada de forma positiva, fazendo parte dos conteúdos. As marcas da cultura africana precisam ser sublinhadas em



especial na arte, na literatura e na História do Brasil, valorizando a identidade negra ao mesmo tempo em que se desconstrói o mito da democracia racial sustentado a gerações.

Ter contato com a história do outro é salutar para que se respeite o pluralismo que se observa na realidade, mas é importante primeiro saber sobre si mesmo, reconhecendo-se como um sujeito histórico. Enfim, a valorização da cultura africana e afro-brasileira no ambiente escolar é imprescindível para que crianças negras saibam que apesar de seus antepassados terem sido escravizados, a história deles é muito mais rica, ampla, plural e também de resistência perante os dominadores.

Em *Jeremias: Pele*, a questão do racismo é abordada a partir de dois enfoques: um deles é o de um menino, negro, tendo contato com o preconceito de raça e como ele se manifesta. O outro parte do discurso dos pais dele a respeito da atitude que se deve ter diante desse mesmo preconceito, e esse é um ponto importante, pois revela o tamanho da responsabilidade dos pais que tem filhos negros e os criam em uma sociedade racista. Os diálogos de Jeremias com seus pais são os pontos fortes deste quadrinho.

Saindo do ambiente familiar, Jeremias é vítima de preconceito na escola. Apesar de ser o melhor aluno da sala, ele é alvo de agressões verbais e comentários racistas por parte de colegas de turma que lidam com a questão do racismo como uma se fossem apenas brincadeiras. Nesse ponto, se impõe também aos educadores uma reflexão no que tange a reprodução do racismo no ambiente escolar.

A partir deste e de outros acontecimentos, Jeremias se percebe como um jovem negro, diferente, e este processo não deixa de ser carregado de sofrimento e de muitas dúvidas. É aí que os pais aparecem, tentando protegê-lo, mas nunca se furtando ao fato de que o preconceito causado pelo racismo o acompanhará por toda a vida e que é preciso estar preparado onde quer que ele aconteça.

Esta *Graphic MSP*, que teve a arte de Jefferson Costa e foi escrita por Rafael Calça, corrige problemas de representatividade do passado de um dos personagens mais antigos de Maurício de Sousa, que no começo era desenhado em traços estereotipados, típicos da pintura de *blackface*. Tal aspecto denota mais uma postura de naturalização do racismo no sentido de que boa parte da representação pictórica do negro na primeira metade do século XX era criada com base numa visão preconceituosa a partir do olhar dos artistas brancos. Esta visão é corroborada por Fredrik Strömberg em *Black Images in the Comics*:

O racismo nos quadrinhos não está presente somente nos desenhos. Isto pode ser distinguido em pelo menos três níveis: o primeiro é o puramente pictórico

(...); o segundo é o puramente textual (...); e o terceiro, o mais subversivo, é no nível do conteúdo (...). O que nós provavelmente precisamos são mais quadrinistas negros criadores devido ao simples fato que é impossível realizar uma visão correta da vida de outras pessoas" (2012).

Na busca por representações do negro produzidas por artistas negros (a exemplo do próprio quadrinho em foco), os autores trouxeram referências a obras de artistas negros como as telas “Pery e Cecy”, de Horácio Hora, e “Briga de Galo”, de Benedito José de Andrade. Em uma cena em um museu, a escultura em homenagem a Zumbi dos Palmares, do artista mineiro Jofe dos Santos, é destacada.

### 3. Considerações finais

A realidade do racismo impõe desafios a qualquer um que almeje fazer parte de uma sociedade pautada pelo respeito à diversidade e pela justiça plena. Assim como o racismo não é inato, sendo produto de construções históricas que são aprendidas e repassadas ao longo dos tempos e das gerações, a ideia de respeito e tolerância perante a diversidade racial também pode ser ensinada e aprendida, e nesse sentido a escola se apresenta como um ambiente privilegiado onde esse aprendizado pode ocorrer. Assim, a perspectiva interdisciplinar aqui apresentada (letras, psicologia e educação) pretendeu apresentar mais uma possibilidade de instrumento de combate ao racismo, explorando como a literatura infantil pode mitigar os seus efeitos na identidade das crianças negras, servindo como ferramenta para uma educação menos excludente e produtora de uma autoimagem positiva.

Entendemos que quanto mais cedo o estudante entra em contato com esta problemática, refletindo e discutindo sobre o assunto de forma ampla e instigante, mais sensível ele será ao tema no seu dia a dia e no futuro. Seguindo esse viés, acreditamos que *Jeremias: Pele* tem a capacidade de nos provocar mais do que um simples sentimento de empatia, ao nos oferecer o ponto-de-vista de quem sofre racismo: ele cobra de nós um olhar diferenciado perante a cultura negra e um posicionamento frontalmente oposto a qualquer tipo de discriminação. Cientes de todas as potencialidades verbo-visuais das histórias em quadrinhos e da enorme importância de se discutir o racismo na escola, um quadrinho como *Jeremias: Pele* pode ser tomado como uma ferramenta importante na assimilação e construção de valores universais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, A. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004.
- CIRNE, M. **História e crítica dos quadrinhos brasileiros.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 1990.
- DIONÍSIO, A. P. Multimodalidade Discursiva na Atividade Oral e Escrita. In: MARCUSCHI, L. A. e DIONÍSIO, A. P. (horas.). **Fala e Escrita.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FEIJÓ, M. **Quadrinhos em ação: um século de história.** São Paulo: Moderna, 1997.
- FRANÇA, D. X. & MONTEIRO, M. B. Identidade racial e preferência em crianças brasileiras de cinco a dez anos. **Psicologia**, 16(2), 293-323, 2002.
- FRANÇA, D. X. & LIMA, M. E. O. Affirmative action and ethnic identity in black and indigenous brazilian children. In: **International Journal of Conflict and Violence (IJCV)**, 5(1), 200-210, 2011.
- FRANÇA, D. X.; DA COSTA SILVA, K.; SANTOS, A. R. & BATISTA, L. S. Socialização racial/étnica materna e identidade Racial/étnica dos filhos. In André Faro, Marcos E. O. Lima, Dalila X. França, Sonia R. F. Enumo & Cícero R. Pereira (Orgs.) **Psicologia social & Psicologia da saúde: Tópicos atuais** (pp. 81-98). Editora CRV, 2019.
- LIMA NUNES, A. V. & CAMINO, L. Atitude políticoideológica e inserção social: fatores psicossociais do preconceito racial? In: **Psicologia & Sociedade**, 23(1), 135-143, 2011.
- LIMA NUNES, A. V., LINS, S. L. B., CAMINO, L. AND TORRES, A. R. R. **Social insertion and racial prejudice:** Distance from black people and socio-political variables, Portuguese Journal of Social Science 9: 1, pp. 3–17, 2010.
- LOVETRO, J. A. **A linguagem do futuro.** In: *Linguagem e linguagens*, São Paulo: FDE, n.17, 1993.
- MÁXIMO, T. A. C. O.; LINS, SAMUEL L. B.; LIMA-NUNES, A. V. & CAMINO, L. Processos de identidade social e exclusão racial na infância. **Psicologia em Revista**, 18(3), 507-526, 2012.
- MENDONÇA, M. R.S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P.; A. R. Machado e BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais & ensino.** 5. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2007.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-raciais.** Rio de Janeiro: CEPESC, 2007. Disponível em: <[http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero\\_diversidade\\_escola\\_2009.pdf](http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf)>. Acesso em: Março de 2020.

NOGUEIRA, N. A. **Gibioteca: Ensino, criatividade e integração escolar.** 2008.

PATATI, C.; BRAGA, F. **Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

ROCHA, H. do S. C. da. A Experiência com a Lei N°10.639/03 CEFET-PA: Formação Inicial e Continuada. In: COELHO, Wilma de Nazaré Baía, Mauro Cezar (Org.). **Raça, cor e diferença: a escola e a diversidade.** Belo Horizonte: MAZZA, 2008. 126 p.

ROSA, F. **Almanaque dos quadrinhos: 120 anos de história.** São Paulo: Discovery Publicações, 2014.

SANTOS, R. E. dos. **Aplicações da história em quadrinhos. Comunicação & Educação.** São Paulo, ECA-USP, n. 22, p. 46-51, set./dez. 2001.

SANTOS, S. K. B. M. M. dos. **O que é ser negro no Brasil?** – Uma reflexão sobre o processo de construção da identidade do povo brasileiro. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.2, n. 1, 2012.

SILVA, J. A.; COSTA, R. DE C. DA S.; LIMA-NUNES, A. & FRANÇA, D. X. DE. O efeito da cor de pele na construção da identidade racial em crianças. **Quaderns de Psicologia**, 23(3), e1777, 2021.

STRÖMBERG, F. **Black Images in the Comics: a visual history.** Fantagraphics Books, 2012.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Org.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática.** São Paulo: Contexto, 2009.

VILELA, T. Os quadrinhos na aula de História. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004. p. 105-129.